



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS

MORES FERNANDO DE SOUZA

**A CRÔNICA NO ENSINO DE LITERATURA: EXPERIÊNCIAS DE
LEITURA EM SALA DE AULA**

MACEIÓ

2020

MORES FERNANDO DE SOUZA

**A CRÔNICA NO ENSINO DE LITERATURA: EXPERIÊNCIAS DE
LEITURA EM SALA DE AULA**

Trabalho apresentado em formato de artigo para
conclusão do curso de Letras-Português da
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof^ª. Dra. Eliana Kefalás Oliveira

MACEIÓ

2020



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO DO/A ALUNO/A: MORES FERNANDO DE SOUZA
MATRÍCULA: 14113270
TÍTULO DO TCC: A CRÔNICA NO ENSINO DE LITERATURA:
EXPERIÊNCIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA

Ao(s) 26 dia(s) do mês de JUNHO do ano de 2020 reuniu-se
a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: ELIANA KEFALÁS OLIVEIRA

1º Prof./a Examinador/a: SUSANA SOUTO SILVA

2º Prof./a Examinador/a: FRANCISCO JADIR LIMA PEREIRA

que julgou o trabalho () APROVADO () REPROVAIX), atribuindo-lhe as
respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 9,0 (NOVE INTEIROS

1º Prof./a Examinador/a: 9,0 (NOVE INTEIROS

2º Prof./a Examinador/a: 8,0 (OITO INTEIROS

totalizando, assim a média 8,7 (OITO INTEIROS E SETE DÉCIMOS

e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será
assinada pela Comissão.

Maceió, 07 de JULHO de 2020.

Prof./a. Orientador/a

1º Prof./a. Examinadora

2º Prof./a. Examinador/a

VISTA DA COORDENAÇÃO



UFAL
viva

Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus A. C. Siqueira - Av. Escrivão Mota, s/n - Taboão do Martins -
Maceió - AL - CEP 57072-900
Coordenação da Faculdade de Letras - Fale UFAL
Fone: (33) 3214-1333

A CRÔNICA NO ENSINO DE LITERATURA: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA

Mores Fernando de Souza (UFAL)

RESUMO

No presente artigo, procurou-se analisar o trabalho com o gênero crônica no ensino de literatura, à luz do conceito de letramento literário (COSSON, 2018) tendo em vista a importância de se estabelecer o contato com a obra literária na formação do leitor (BRASIL, 2006). Para isso, pesquisamos e relatamos alguns trabalhos de dissertações de mestrados, que fizeram pesquisas cujo foco foi a exploração do gênero crônica em sala de aula, além do relato de experiência realizada no estágio curricular. Buscamos, através da exposição de métodos e sequências didáticas usadas por esses pesquisadores e na prática de estágio, fazer uma análise de como e quais as principais metodologias foram utilizadas para a formação de leitores literários. Observamos que o gênero crônica contribui significativamente para a prática da leitura escolar, quando se trata de letramento literário, melhorando a compreensão leitora, o prazer pela leitura, o conhecimento do gênero e de outros, desenvolvendo a criticidade e até a produção textual.

Palavras chave: letramento literário, crônica, ensino de literatura.

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura, muitas vezes, tem preconizado uma concepção informativa que faz com que os alunos se afastem da experiência da leitura literária. Muitas vezes, nas aulas de literatura, foca-se no ensino da historiografia ou em abordagens classificatórias sobre as correntes literárias e seus autores, acrescidas de biografias de escritores. A memorização e o foco nessa concepção informativa sobre o texto literário, e não no contato com ele, parece distanciar o aluno da experiência literária, na medida em que negligenciam o trabalho com habilidades de leitura como a comparação, a análise e a interpretação.

Desse modo, é importante traçar perspectivas para o ensino de literatura que tenham como foco a experiência da leitura, para que os alunos sintam prazer em ler textos literários, desenvolvam a criticidade, sintam curiosidade sobre o enredo da narrativa, sobre os jogos de

sentido do texto e, assim, participem mais ativamente da construção da análise literária, elaborando interpretações sobre o texto, fazendo comentários significativos e reflexivos.

O incentivo à leitura nas escolas ainda é motivo de muita “discussão” e reflexões, os textos são usados hoje em dia, muitas vezes, para responder questões de determinados exercícios, questões que geralmente não levam o aluno a refletir sobre aspectos singulares da obra literária; dentro desse prisma, o texto é abordado de modo tarefairo.

A leitura tem que ser uma ferramenta de libertação dos alunos, mostrando caminhos que abram a mente, que proporcionem olhares curiosos para o texto, para si e para o mundo. Citaremos aqui as palavras de Antonio Candido, que diz que a literatura é fator indispensável de humanização

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995. p.249).

Se o texto possibilita que o leitor redescubra as palavras e seu contexto, de modo a sensibilizá-lo, de que modo o trabalho com a literatura na sala de aula poderia contribuir para instaurar essa perspectiva humanizadora na educação escolar? Que metodologia, que atividades podem ser realmente formadoras? O trabalho com o gênero textual crônica pode colaborar para fomentar esse processo formador e transformador no ensino da literatura?

Levando em conta essas questões, detalharemos alguns trabalhos que tratam da crônica na sala de aula, dando ênfase ao modo como se dá a exploração desse gênero textual, as atividades aplicadas, as experiências de leitura realizadas.

Para tanto, inicialmente, faremos uma breve exposição sobre a noção de letramento literário no ensino de literatura, embasando-nos em autores como Rildo Cosson (2018) e Egon de O. Rangel (2007). Mostraremos também um pequeno contexto histórico sobre a crônica, perpassando autores como Candido (1992), Rossetti e Vargas (2006), Souza (2009) e Sá (2008). Finalmente, serão descritos alguns trabalhos acadêmicos e uma experiência de ensino que tematizaram a crônica no ensino de literatura, a fim de trazer à tona um leque de procedimentos didáticos na exploração desse gênero na sala de aula.

1 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO DE LITERATURA

O letramento literário se dá quando a leitura se torna uma prática formadora na vida das pessoas; o ato da leitura engaja o leitor, de modo que o leitor apropria-se do que lê.

Cosson (2018) questiona uma determinada concepção de ensino de literatura na qual parece que a informação sobre o texto literário acaba por colocar em segundo plano a experiência da leitura em si:

No ensino médio, o ensino de literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos aurores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. (COSSON, 2018, p.21)

Essa concepção informativa da literatura na sala de aula acaba então por enquadrar o texto e o próprio aluno leitor, tornando estéril o ensino. Sendo assim, para que seja concretizado o letramento literário, não basta contextualizar ou expor dados sobre uma época literária ou uma obra, e nem seria suficiente a simples prática de leitura dos textos literários.

O letramento literário não se adquire com a simples leitura do texto, mas quando se há interação, quando são explorados detalhes do texto, quando, na leitura, é estabelecido o diálogo com outros textos, outras obras, e com a própria vida:

Não é possível aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário. (COSSON, 2018, p.26).

Alguns professores de língua portuguesa têm encontrado dificuldade em ensinar literatura, tanto que evitam dar aula de literatura em praticamente toda educação básica. Muitas vezes, o contato efetivo com a obra parece ficar um pouco à margem no ensino, trazendo apenas

algumas referências de obras ou estilos de época, o que acaba não sendo favorável ao aprendizado.

No ensino médio, muitas vezes, seja pelo material didático utilizado, seja pelo programa curricular previamente estabelecido, com prazos curtos, o texto literário aparece fragmentado e é tratado como exemplificação de alguns movimentos literários. Isso deixa os alunos distantes da garantia de uma real experiência de leitura de textos literários, não os levando à experiência singular que pode ser a leitura e a análise do texto literário. Não é que seja necessário descartar a contextualização e a caracterização, mas é preciso, sobretudo, para que haja o letramento literário, buscar a singularidade do texto literário e a liberdade, que é condição para a formação do leitor segundo Rangel (2007).

Não é objetivo do ensino médio a proficiência em leitura do texto literário, mas a leitura de textos literários traz uma possibilidade única de leitura para o leitor, ele passa a ler com prazer, na medida que o texto o engaja, colocando assim o leitor disponível para a experiência do ato de ler. Ao leitor do texto literário, não basta assimilar o texto: embora se possa ver que existe um esforço para a assimilação do texto literário, é também importante que o leitor seja desafiado pelo texto a mudar subjetivamente, trazendo uma “degustação” do texto e assim o fazendo ver mais abertamente estranhamentos ou perplexidade em relação ao lido, interrogando-se sobre o que leu.

A experiência da leitura tende ao infinito, porque, ao final da leitura do texto literário, nós não o descartamos porque já lemos, ao contrário, podemos sentir até necessidade de voltar a ler, e toda vez que fazemos uma releitura de um texto literário, descobrimos outros nuances nas entrelinhas. E é dessa maneira que o texto literário tem sua maneira única de produzir outras significações, não se deixando ficar em um só significado que se tem com uma leitura simples e única.

É nesse sentido que, para Rangel (2003), “é preciso cuidar para que as atividades de leitura propostas pelo LDP estejam atentas aos momentos e aos recursos do texto em que está em jogo algum tipo de aproximação possível com a tradição literária ou mesmo com a tradição letrada mais amplamente entendida.” (p.11).

A escolha de obras para o trabalho docente em sala é importante para a formação de sujeitos leitores. A crônica, ao cruzar experiências cotidianas com o universo da narrativa, parece ser um gênero que proporciona interrogações sobre elementos por vezes corriqueiros, através de jogo de sentidos, de tensões com o contexto, o que contribuiria para o engajamento

do leitor no texto oportunizando o letramento literário e brotando a criticidade existente no aluno.

2 BREVE CONTEXTO SOBRE A CRÔNICA

A palavra crônica teve sua origem associada à palavra *khronos*, vinda do grego, que significa tempo, logo surgiu dessa terminologia o termo *chronikós*. A palavra *chronica* no latim, segundo Rosseti e Vargas (2004), estaria originalmente associada a um registro de acontecimentos históricos, verídicos, em uma sequência cronológica (ROSSETTI; VARGAS, 2004). Muitas das vezes, a crônica apresenta uma linguagem mais próxima da oralidade, ou seja, se vale muito da língua falada no cotidiano, trazendo leveza aos textos publicados nos jornais da época, que eram cheios de notícias ruins.

No Brasil, a crônica teve sua consolidação no formato de folhetins, juntamente com o surgimento da imprensa no século XIX, sendo assim um gênero considerado híbrido, por fazer a junção de dois gêneros diferentes, que é o literário e o jornalístico. Nesse período, os escritores de crônicas usavam seus “limites” nos jornais para dizer de modo diferente o que o povo precisava saber; às vezes de forma poética, outras de maneira humorística e até crítica. Traziam a vida política, social, econômica e fatos da vida cotidiana, sem valor para alguns, mais com muito valor aos olhos do cronista. Vale observar que o folhetim era um simples espaço no rodapé do jornal, que era para “confrontar” às notícias mais graves que eram dominantes no jornal.

A crônica mostra atributos que trazem marcas do efêmero, da circunstância. É um texto geralmente curto, pois era produzido para um pequeno espaço em jornais, porém é de assunto cotidiano e misturado a ficção, humor, fantasia. Jorge de Sá em “A crônica” diz que:

A aparência de simplicidade, portanto, não quer dizer desconhecimento das artimanhas artísticas. Ela decorre do fato de que a crônica surge primeiro no jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo pessoal. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. (Sá, 2008, p. 10)

Ao longo do tempo, ela foi deixando aos poucos os propósitos de informar e comentar, propósitos que eram dados inicialmente ao gênero, logo, passando a divertir seus leitores com uma linguagem mais branda e sem muito rebuscamento, ampliando a lógica argumentativa e a crítica política, para uma dimensão mais ficcional e de cunho mais poético. É de uma (aparente) simplicidade que Candido diz:

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. (Candido, 2003, p.14).

Alguns cronistas se destacaram bastante no período dos folhetins publicados no século XIX, entre eles: João do Rio e Machado de Assis, porém existem outros grandes nomes que também merecem destaque entre eles, como: Rubem Braga, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Luís Fernando Veríssimo, Nelson Rodrigues, entre outros.

A crônica teve uma trajetória profícua no Brasil, fala-se até que é um gênero brasileiro, por ter passado por um processo tão intensivo e singular por aqui. Como dito anteriormente, a crônica inicialmente era publicada como folhetim, uma espécie de artigo de rodapé que tratava de questões do dia a dia. Mas, com o passar do tempo, ela foi deixando de ser focada principalmente na intenção de informar e comentar, que era seu papel inicial, começando a dar lugar também ao de divertir, ficando assim, mais suave, sem compromisso, adentrando no mundo da poesia.

Nesse sentido, a crônica veio se tornando menos rebuscada, trazendo a oralidade na escrita, humanizando da melhor forma. Candido em “A vida ao rés-do-chão” escreveu:

É que nelas parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões frequentes; nem o vocabulário “opulento”, como se dizia, para significar que era variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto bem soantes. Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias... (CANDIDO, 1992, p.16).

A crônica ganha muito espaço no Brasil na década de 30, gênero adotado por escritores e jornalistas renomados, e outros que vieram a se tornarem conhecidos por ela própria, como Rubem Braga. Mas o ápice da crônica nacional veio nos anos 50 e 60, quando os jornais tinham sempre um cronista e jornalistas que eram dedicados ao gênero.

Essa linguagem mais prosaica, a temática associada a questões cotidianas são traços do gênero crônica que podem ser muito propícios para a prática da leitura na formação do leitor literário na educação escolar. Dentro dessa perspectiva, é que na próxima seção do presente artigo serão descritas atividades e registros de pesquisas e relatos acadêmicos que exploraram a crônica em atividades de formação do leitor, com o intuito de expor caminhos metodológicos que possam ser eventualmente aproveitados por futuros formadores no âmbito das Letras.

3 GÊNERO CRÔNICA NA SALA DE AULA

A dissertação intitulada “UMA PROPOSTA DE LEITURA COM O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA” foi elaborada a partir de uma pesquisa interventiva produzida pelo mestrando Francinaldo Aprígio dos Santos, no ano de 2016, o qual fez seu mestrado pelo PROFLETRAS, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Teve como sujeitos-participantes, alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental.

O trabalho de intervenção se deu por alguns problemas observados pelo professor em suas aulas de língua portuguesa, os principais foram: a dificuldade na leitura, interpretação e escrita de textos, como também a falta de interesse e incentivo pela leitura de qualquer gênero textual. Diante dessas percepções, ele decidiu por introduzir o gênero crônica em sua pesquisa, pois segundo ele, toda escola pública recebe coletâneas de crônicas de autores como Machado de Assis, Fernando Sabino, Moacyr Scliar, Luís Fernando Veríssimo, dentre outros.

Começou propondo algumas questões encaminhadoras:

O gênero textual crônica oportuniza melhorar as habilidades dos alunos quanto à leitura?

O estudo da crônica, através de Sequências Didáticas (SD), aplicado ao ensino de Língua Portuguesa, poderia minimizar a falta de gosto pela leitura e sua compreensão?

Que aspectos linguísticos-discursivos no gênero textual crônica devem ser trabalhados em sala de aula para motivar nossos alunos quanto à leitura?

Que estratégias podem ser usadas para estimular a aprendizagem dos alunos nas aulas de leitura, compreensão e produção de texto?

O que podemos destacar no gênero crônica que seja possível emocionar e envolver seus leitores, para que reflitam sobre fatos do cotidiano apresentados pela mídia impressa? (SANTOS, 2016, p.13).

Logo, seu objetivo principal foi o de investigar como o gênero textual crônica oportuniza o desenvolvimento da competência leitora do aluno. Trabalhando com Sequências Didáticas (SD) como estratégias nas aulas de Língua Portuguesa, ele pretendia diminuir tais dificuldades existentes nos alunos em relação à leitura, compreensão e produção de textos em sala de aula.

As principais crônicas escolhidas por Santos para serem lidas em sala de aula foram: “Um caso de burro”; de Machado de Assis; “Peladas”, de Armando Nogueira; “Cobrança”, de Moacyr Scliar; “A bola”, de Luís Fernando Veríssimo e “A última crônica, de Fernando Sabino. Pois essas crônicas, segundo ele, além de chamarem a atenção pelo título, chamam também pela forma crítica, reflexiva e humorística em que o autor se posiciona no texto em relação a acontecimentos do cotidiano.

Os textos escolhidos por Santos trazem muita proximidade ao cotidiano dos alunos. Mas, segundo Santos, se o propósito do professor é despertar no aluno o prazer de ler, deve-se seguir nos projetos, as três etapas defendidas por Villardi (1999, p. 41) apud Santos, que afirma que:

[...] os projetos devem estar estruturados em três etapas: ‘atividades preliminares’, ‘atividades com o texto’ e ‘atividades complementares’, cada uma delas com objetivos específicos definidos, de modo a levar o aluno a uma leitura global e múltipla, descobrindo o prazer de ler.

Em relação aos gêneros textuais, Santos sustentou que, como o número é quase ilimitado, é necessário priorizar aqueles que precisam ser mais aprofundados, de maneira que sejam mais atrativos para os alunos, como também, os que favoreçam à reflexão crítica do aluno. E para ir adentrando com uma leitura mais prazerosa, ele começava as aulas com uma “leitura deleite” (ler pelo simples prazer de ler, sem objetivos pedagógicos, sem a obrigação de trabalhar em aula sobre o que foi lido), envolvendo uma grande variedade de gêneros textuais. Assim, trouxe mais leveza nos inícios das aulas, com uma leitura que é compartilhada, em que alguém traz um texto e divide aquela mensagem com todos os presentes. Ele afirma que, apesar de não ter objetivos pedagógicos, esse tipo de leitura contribui para o alcance de objetivos atitudinais, como a formação de leitores, despertando o gosto pela leitura, formando e

informando crianças e jovens e estimulando a imaginação e a curiosidade. Tal como, de acordo com Santos (2016, p. 36):

É evidente que para trabalharmos com a Leitura Deleite, não basta expormos uma diversidade de gêneros para serem lidos. Só isso não vai motivar ninguém. A sugestão é, que em cada aula, devamos apresentar um texto como a Leitura Deleite do dia, porém, antes dessa leitura, precisamos planejar o que pretendemos alcançar com tal leitura. Isso se faz com levantamento de alguns conhecimentos prévios e questionamentos sobre o texto, realizados junto aos alunos antes da leitura.

O professor elaborou uma Sequência Didática em quatro oficinas, com o objetivo de utilização da crônica como recurso apto de aproximar o aluno do mundo da leitura, seguindo como propósito também de adicionar aos alunos, uma maior aquisição da competência leitora.

Na primeira oficina, iniciou o contato com o gênero crônica, partindo de perguntas sobre os conhecimentos que os alunos tinham ou não do gênero. Em seguida, foi para as características pertencentes, tipo, aspectos linguísticos e estruturais, para que pudessem mais a frente produzir uma crônica.

Logo na primeira oficina, foram apresentados aos alunos o cronista Fernando Sabino, por meio de sua crônica “A última crônica”. Foram feitas perguntas instigadoras sobre o título da crônica, assim, despertando a curiosidade e expectativas em relação à leitura. Seguiu com leituras silenciosas de crônicas de outros autores, despertando, assim, o interesse pela leitura do gênero. Ele percebeu também que os alunos não se ativeram somente a identificar as características do gênero, mas observaram a situação de escrita em relação ao cotidiano; além disso, o pesquisador apontou a satisfação de leitura que eles tiveram com o gênero.

Um momento que chamou muito a atenção, segundo Santos (2016), nas atividades de leitura, aconteceu no módulo III da 3ª oficina, quando ele trabalhou a crônica “Cobrança” de Moacyr Scliar. Os alunos ficaram surpresos ao perceber que, a partir de um acontecimento rotineiro, pode-se tornar uma narrativa humorística. Então alguns alunos tiveram a ideia de fazer uma dramatização da crônica, com isso, ele percebeu que ao trabalhar o texto de forma planejada e sistematizada, a participação do aluno fica mais inclinada a interação dele com a leitura.

Os alunos entusiasmaram-se tanto que, no decurso das atividades de leitura, com as crônicas, logo após a leitura da crônica “Avestruz” de Mario Prata, eles sentiram vontade de escrever crônicas com o tema “Animal de estimação”. Santos observou então que as sequências trabalhadas com o gênero serviram não só para o ato de ler, mas também para o de escrever.

Segundo o autor, que citou em sua dissertação, as palavras dos próprios alunos que disseram que: “foi muito importante para o desenvolvimento do aprendizado da leitura, já que cada texto lido teve um atrativo a mais que chamou a minha atenção, principalmente, as humorísticas” (p.73). Destacou Santos (2016) que dentre as crônicas trabalhadas na SD, “Um caso de burro” de Machado de Assis, foi a segunda preferida pelos alunos, comentou que, segundo eles, ela chamou a atenção por vários motivos, como por exemplo, “o personagem principal ser um burro”, “uso de figuras de linguagem (eufemismo, ironia, metáfora), a crítica feita ao tipo de ser humano que valoriza a submissão e a conformidade, o desfecho da crônica retomando a reflexão do autor a respeito da natureza do animal” (p.73).

As justificativas dos alunos para o tipo de crônica preferida parecem evidenciar que a narrativa trabalhada em sala com planejamento e objetivos trazem o aluno para mais próximo da leitura. Vejamos aqui algumas dessas justificativas citadas na dissertação de Santos (2016): “ porque são fatos da vida real”, “porque faz a pessoa ficar feliz e o seu dia fica melhor”, “porque gosto de coisas irônicas, pois você diz o que quer e não fica sendo tão malvada”, “porque o tema se torna engraçado”, “porque a crônica reflexiva faz com que você possa refletir sobre aquilo que leu e a humorística faz a pessoa ter um momento de descontração” (p.72).

Na dissertação de mestrado de Joel Helder da Silva Moraes sob a orientação da Prof.^a Dra. Lígia dos Santos Ferreira, concluído em 2016 pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS da Faculdade de Letras-FALE, na Universidade Federal de Alagoas-UFAL, intitulado de LITERATURA COM (TEMPO): INTERVENÇÕES A PARTIR DE CRÔNICAS LITERÁRIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA ALAGOANA, o autor desenvolveu um trabalho interventivo em uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da periferia de Maceió, usando uma abordagem qualitativa, com estratégias de leituras e debates, tanto em grupos como individual, para assim colher os dados de sua pesquisa.

O professor-pesquisador escolheu o gênero crônica, por ser característico deste o desenvolvimento crítico do aluno-leitor, que ao fazer a leitura de tal gênero, permite que enxergue a própria realidade no contexto do cotidiano vivido por ele às vezes. Como também pela sua brevidade textual, sendo assim uma leitura mais rápida, não deixando o aluno entediado, nem ter que levar mais uma leitura para casa. O autor seguiu uma ordem de planos de aula, assim facilitando suas posteriores análises dos dados. Desenvolveu um plano de aulas, que intitulou de “Mergulhando no Oceano das Crônicas”. Começou sua aula explicando sobre a pesquisa que se iniciaria naquele momento, ou seja, os alunos sabiam que participariam ativamente desta. Iniciou questionando sobre o hábito de leitura dos alunos, que, como sempre,

responderam que liam pouco, e os que tinham um hábito maior de leitura, falaram que preferem fazer leituras das redes sociais, e alguns poucos disseram que os romances eram bons por trazerem histórias boas.

O professor-pesquisador inseriu em sua pesquisa estratégias de leituras enumeradas por **Izabel Solé** (1998), que pressupõe três instantes de reflexão da leitura: o antes, o durante e o depois, deixando claro que seu objetivo era estimular a criticidade no aluno, juntamente com sua conscientização, para que acontecessem a construção de conhecimentos pela leitura de textos literários, como também a busca de seu conhecimento de mundo para melhor compreender as leituras feitas em sala.

Ao apresentar o gênero Crônica, afirmou que todos desconheciam, e alguns ouviram falar, porém não o conheciam. Colocou a sala em semicírculo como estratégia de que todos pudessem se ver, saindo assim o professor do foco, que geralmente é o tradicional. Começaram uma conversa sobre o que eles pensavam de como eram as crônicas, fazendo com que eles expusessem todas expectativas em relação ao gênero.

Fez algumas analogias entre leitura e superpoderes dos heróis, trazendo dessa maneira um encanto dos alunos com a leitura e conseqüentemente uma maior participação deles na aula. E assim que apresentou duas crônicas aos alunos, uma literária e outra jornalística, eles mostraram preferência pela crônica literária, por ter uma abordagem bem mais suave, que considera gerar certo conforto no leitor. As crônicas expostas aos alunos, foram: “Crônicas da Violência Cotidiana (2)” de Dauro Veras, a outra foi: “O Julgamento do Cabo Luiz Pedro e o crime que nunca terá um final”, de Ricardo Mota.

Segundo o autor, algumas crônicas trouxeram bastantes debates, provocando reflexões sobre as vidas de familiares e de vizinhos e suas próprias vidas, etc. Falou também, que eles comentaram que a leitura das crônicas, apesar de ser uma “história”, traz na realidade algo de verdade, mostrando que a percepção dos alunos sobre as suas realidades estava sendo aflorada. Segundo Morais: “A leitura da crônica jornalística provoca a constatação do fato e a verificação dos argumentos do cronista, ao tempo que a compreensão da crônica literária produz a reflexão sobre o texto e também a respeito da própria realidade do leitor”. Citarei aqui as próprias palavras de Morais (2016, p. 20), que diz:

Entendemos que o aluno não é alguém solto, ou que tem a construção de sentidos em si mesmo. A significação que ele faz é constituída a partir de sua leitura de mundo, e como sujeito de sua realidade, de ser motivado pela escola, que o trata como sujeito humanizado, e o instiga no alcance de sua conscientização e do conhecimento.

Em sua dissertação, ele afirma que, ao apresentar o gênero, mesmo que de forma um pouco superficial, ao pedir para os alunos escolherem um texto para a próxima aula, de maneira que este tivesse relevância para eles, trazendo-lhes prazer, pois seria usado em outras atividades, ele acredita que despertou a motivação tratada por Solé (1998). Sendo assim, acredita que: “as estratégias do momento antes das leituras, trazem a reflexão sobre o processo anterior ao seu início, permitindo que os sujeitos compreendam sua participação e façam os ajustes, quando necessário”.

Em outras palavras, o professor disse que a escolha do gênero crônica foi pelo fato de ser um gênero escolhido pelo Ministério da Educação para a faixa etária dos alunos envolvidos na pesquisa, como também por permitir um acesso melhor a variação de textos completos, por serem narrativas curtas, além de ser bastante contemporâneo e crítico. Além de ficar mais próximo do aluno, por ser usada uma linguagem mais coloquial.

Retornando as crônicas apresentadas inicialmente aos alunos, citadas anteriormente, e que traziam como tema “a violência urbana” (“Crônicas da violência cotidiana” de Dauro Veras e “O julgamento do Cabo Luiz Pedro e o crime que nunca terá um final” de Ricardo Mota), crônicas estas que trouxeram bastante debates. O texto jornalístico deixou os discentes bastante curiosos em relação as situações narradas no texto, e segundo relata o autor, surgiram perguntas, como: “quando os fatos ocorreram?”, “quem eram as pessoas tratadas na crônica?”, “o que aconteceu após o julgamento?” (p.62). Segundo Morais (2016), eles notaram também que a crônica tem um tom de conversa, de maneira que o escritor da obra se dirige ao leitor, como, por exemplo, na passagem em que o taxista fala serem comuns os assaltos, eles riam durante a leitura. Isso fez o pesquisador questionar sobre os risos e a relação com os fatos ali narrados, a resposta foi que “isso é comum”. Em outras palavras, Morais diz que a literatura tem o dom de tornar tão verossímil os episódios que chega a não se distinguir do real.

Assim, a aula teve maior participação dos alunos, que logo começaram a contar sobre fatos ocorridos com eles. Assaltos sofridos por eles ou pessoas próximas, como familiares, vizinhos, amigos. Na dissertação de Morais, ele relata que uma aluna chegou a falar que teria sido assaltada há dois dias e que reconhecia o assaltante, mas tinha medo de represaria caso fosse buscar o celular, pois ele morava perto de sua casa. Os alunos concluíram falando que, “apesar da crônica ser “uma história” revelou algo “de verdade” (p.63), apresentando o entendimento e a reflexão sobre a sua realidade.

Em seu plano de atividades, Moraes, delinea o propósito de realizar a leitura, discussão, reflexão e dramatização da leitura contemporânea em sala de aula, claro que, com a crônica, mediadas pelo professor, que no caso era ele próprio.

Seguindo o primeiro momento de leitura, que é o antes, ele, para atrair a curiosidade dos alunos, intitulou cada plano de aula, assim, os alunos ficavam curiosos sobre o que aquele nome denominado à aquela aula teria para ser realizado nela. Logo o professor conseguiria verificar a relação de sentidos.

Como dito anteriormente, o primeiro plano de aula foi intitulado “Mergulhando no oceano das crônicas”, assim, apresentando as características do gênero e sua historicidade. Já o próximo plano de aula teve o título de: “Minha leitura”, com o objetivo de trazer o aluno para a reflexão as práticas de leituras a partir do diálogo sobre o gênero e as rotinas com o texto. Em seguida trouxe um título bem chamativo para com os envolvidos, intitulou de: “Que história é essa?”, trazendo a interdisciplinaridade com a matéria de história. Para o 4º plano de aula, chamado de “Durante a leitura”, ele direcionou os alunos a reflexão, interpretação. Seguiu com seu planejamento, intitulando os demais planos de aulas: 5º “Nós autores...”, 6º “Construção e divulgação”, 7º “Minha realidade crônica” e o 8º “Semana literária”.

Os objetivos gerais e específicos dos planos de aula citados por Moraes foram para:

“Mergulhando no oceano das crônicas”. O objetivo geral foi: “Estimular nos alunos o desenvolvimento da criticidade a partir da leitura, refletidas no “momento antes da leitura” (p.48). Específicos: Apresentar o gênero crônica aos alunos, estimulá-los às leituras literárias e iniciar a percepção como sujeitos-participantes do processo.

“Minha leitura”. Geral: Pensar sobre as práticas leitoras dos alunos, juntamente com eles. Específicos: Promover a ação dos alunos enquanto sujeitos-participantes do processo, estimulá-los às leituras literárias e motivar o amadurecimento crítico do leitor.

“Que história é essa?”, Geral: Conduzir o aluno/leitor à compreensão das questões sócio-históricas. Específicos: Definir conceitos como: relações e conflitos sociais, ideologias, destacar os conceitos a partir de ilustrações com fatos históricos e identificar aspectos da realidade do aluno no texto.

“Durante a leitura”. Geral: Analisar os aspectos textuais e sociais presentes no gênero literário crônica, formulando conclusões. Específicos: Verificar as antecipações ou expectativas criadas antes da leitura, identificar as evidências do posicionamento do autor, perceber a

ocorrência de referências a outros textos/falas e formular conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores.

“Nós autores...”. Geral: Avaliar a compreensão do gênero a partir da proposta e instruir a possíveis adequações. Específicos: Constatar o desenvolvimento crítico, verificar a capacidade leitora e produtora de textos e rever, sempre que necessário, as ações apresentadas.

“Construção e divulgação”. Geral: Compreender a importância dos estudos literários na formação do leitor crítico. Específicos: Construir o hábito de ler, compartilhar as histórias lidas e suas impressões sobre elas e envolver os outros sujeitos na atividade leitora.

“A minha realidade crônica”. Geral: Produção individual de texto do gênero. Específicos: Refletir sobre a realidade vivida e a realidade representada e atuar e reconhecer-se no papel de sujeito atuante.

“Semana literária”. Geral: Apresentar à comunidade escolar a importância dos textos literários e suas possibilidades de interdisciplinaridade, Específicos: Expor as atividades produzidas, permitindo a interlocução entre o cronista, a crônica e o leitor, promover a ampliação do espaço da literatura na escola, relacionar textos e conteúdos disciplinares na escola e diminuir o distanciamento entre o aluno/leitor e os textos.

Na sequência didática aplicada por Moraes em seus planos de aula, começou citando a “Carta de Pero Vaz de Caminha”, abordando, assim, o começo da história da crônica no Brasil. Apresentou duas crônicas diferentes, para que eles pudessem ver as diferenças nos tipos de abordagens. As crônicas expostas foram: a do cronista jornalístico Ricardo Mota, que tem o título de “O julgamento do Cabo Luiz Pedro e o crime que nunca terá um final”, e a outra foi a “Crônica da violência cotidiana”, de Dauro Veras. Deu a possibilidade para os alunos trazerem para as aulas seguintes, crônicas literárias escolhidas por eles, ou seja, dando a oportunidade de escolha para o que seria lido, segundo Moraes (2016), “A participação do aluno no processo e o reconhecimento de suas escolhas com possibilidade devem ser mostrados, contudo, o professor necessita dispor como critério essencial de seleção e adequação ao gênero literário estudado.” (MORAIS, 2016, p.49).

Na aula seguinte, além das crônicas trazidas pelos alunos, ele trouxe também a crônica literária “Primeiras Leituras”, de Paulo Mendes de Campos, fazendo a leitura e expondo o motivo de sua escolha, pois dessa maneira deixou os alunos menos tímidos para que fizessem o mesmo. Isso trouxe mais interação entre eles, como também mais reflexões sobre as

abordagens dos textos escolhidos e lidos por eles. Seguindo com a próxima aula, o professor desenvolveu um projeto interdisciplinar, ministrando propostas juntamente com o professor de história, que deu alguns conceitos sobre conflitos históricos e sociais, ideologia, relações sociais etc. Apresentou relações existentes no texto, que na maioria das vezes não são notadas por leitores iniciantes.

Em outra aula, o professor-pesquisador começou com a crônica “Conversa de compra de passarinho” de Rubem Braga, outra muito conhecida de Fernando Sabino, intitulada de “Última crônica”. Com o aumento do quantitativo de textos lidos, eles começaram a ter mais aproximação com as características do gênero, facilitando a produção coletiva de uma crônica.

Diante do exposto, concluímos que a intervenção teve um bom resultado, pois os alunos conseguiram adquirir um conhecimento significativo das características do gênero, sabendo diferenciá-lo de outros, desenvolveram a criticidade debatendo os textos lidos em sala, adentraram para o mundo da leitura literária.

Em virtude dos fatos mencionados, percebemos que os autores das dissertações evidenciaram a importância de explorar, não somente a compreensão do texto trabalhado, mas também suas tensões com os contextos, suas dimensões de literariedade, aspectos que estimulam a participação dos estudantes. Outro elemento em comum foi o propósito de trazer títulos que chamem a atenção, para despertar a curiosidade, risadas, reflexões, estimulando, pela participação no ato coletivo de ler, o prazer pela leitura.

4 RELATOS REFLEXIVOS DA EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Neste item, trarei relatos de minha experiência vivida no Estágio Supervisionado de Língua portuguesa - 2, estágio que foi experienciado no ano de 2017, sob a orientação da Professora Dra Eliana Kefalás Oliveira, a qual deu total apoio e orientações necessárias para que nós, graduandos do 6º período do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), turma 2017.1, conseguíssemos desempenhar com eficiência e praticidade nossas aulas, tendo em vista que o curso de licenciatura requer não só aulas teóricas, mas, práticas também.

As atividades que citarei aqui foram desenvolvidas em uma escola pública. A Escola Estadual Professor José da Silveira Camerino fica situada na Avenida Fernandes Lima, Cepa, Farol, Maceió-AL, tem turmas de ensino fundamental, médio e educação de jovens e adultos

(EJA). As turmas em que foram desenvolvidas nossas oficinas foram duas turmas do 4º período de EJA no turno noturno, que equivale a 3ª série do ensino médio regular¹.

A proposta para nossas oficinas na escola foi inicialmente a trazer a leitura e análises de crônicas. A proposta de focarmos nas leituras e análises desse gênero teve como objetivo facilitar o exercício contínuo da leitura e análise, os alunos poderiam exercitar o pensamento crítico literário relacionados a aspectos de suas vivências, o que poderia colaborar para explorar as nuances que existem nas entrelinhas de um texto literário.

Iniciamos a primeira oficina apresentando algumas diferenças entre notícia e crônica, claro que com a participação deles, pois foi explicado para eles que eles têm que ter participação e autonomia de expressão, falando e fazendo as relações para um melhor aprendizado.

Após as apresentações e explicações necessárias, a estagiária E. V². iniciou sua fala dizendo que mostraríamos algumas diferenças entre notícia e crônica, e quem começaria tais exposições seria a estagiária M.S. Ela começou primeiro fazendo a leitura da notícia “Criança trocada por casa é apresentada no Paraná”, explicando o que seria o **LIDE** (primeira parte de uma notícia. Geralmente o primeiro parágrafo posto em destaque, que fornece ao leitor informação básica sobre o conteúdo). A professora Kefalás fez uma intervenção pedindo para que M.S. perguntasse aos alunos se eles conseguiriam identificar os pontos necessários com as perguntas feitas para saber se aquele texto é uma notícia. Um aluno opinou falando que os bebês teriam sido trocados por materiais de construção, cesta básica e até uma casa. Fez isso lendo parte da notícia apresentada. Logo começou as participações de outros nas discussões produzidas na oficina.

Comecei a observar o quanto uma pergunta feita de maneira inteligente traz a participação deles para a aula, e melhor, de uma forma instigante e espontânea. Após a leitura a estagiária E.V. perguntou: “o que vocês acharam da notícia”? Uma aluna perguntou se tal notícia era verdadeira, pois pareceu não acreditar que seria possível aquilo, mas M.S. falou que nós checamos a veracidade da notícia. Outra aluna falou: “Por que? Por que são pobres? Não têm uma casa “pra” morar, ficam trocando por qualquer coisa”.

¹ Vale observar que, apesar das atividades descritas anteriormente terem sido realizadas nos anos finais do fundamental e a presente atividade no correspondente ao ensino médio da EJA, o propósito aqui não é tanto focar no público-alvo, mas sim em estratégias de aprendizagem que podem circular por todas essas etapas.

² Optamos aqui por indicar somente as iniciais para preservar a identidade dos integrantes da ação interventiva.

Em seguida, fizemos algumas perguntas em relação ao texto, para ver se eles saberiam identificar onde estavam as informações perguntadas, se conseguiriam interpretar adequadamente tais informações, trazendo-os para os debates. Também responderam que, se a notícia fosse em outro veículo de comunicação, teria um impacto maior perante a sociedade, pois entendi que eles acham que o jornal é menos visto que a televisão, por exemplo. Alguns perguntaram, ao ler essa notícia, qual seria a resposta com uma única palavra, foram ditas algumas palavras como por exemplo: triste, estranho, revoltante etc...

Logo em seguida todos os estagiários leram a crônica “Casa das Ilusões Perdidas “, que foi escrita por Moacyr Scliar. Foi questionado aos alunos se a referida crônica tinha alguma ligação com a notícia anteriormente apresentada, como também sobre o título e que ilusões seriam essas expostas nesse título. Os alunos ficaram pasmos com a crônica lida pelos estagiários. Alguns opinaram a respeito dos fatos ocorridos na crônica. Um aluno falou que as ilusões na verdade eram só dela, que ele, homem da crônica não queria ser pai, um pai de verdade, só queria tirar proveito da situação, adquirindo dinheiro e ganhos materiais. A estagiária R.S. perguntou: “Qual o papel dessa mulher? Como ela se comporta nesse relacionamento”? Uma aluna respondeu: “Ela é submissa a ele nessa relação”. Outra falou que parecia que ela não trabalhava.

O que nos chamou a atenção na maioria das oficinas aplicadas nas turmas do 4º período do EJA da escola onde foram desenvolvidas foi o fato de que, quando foram expostos textos que traziam temáticas do cotidiano, fatos relacionados à pobreza, à miséria, doença, injustiça ou diferenças, sejam elas quais forem, os alunos mostraram-se muito interessados, o que parece ratificar a função humanizadora, destacada por Candido (1999 *apud* Silva, 2008).

Sabemos que a instrução dos países civilizados sempre se baseou nas letras. Daí o elo entre formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da língua e da literatura. Tomadas em si mesmas, seriam as letras humanizadoras, do ponto de vista educacional? (SILVA, 2008, p.45).

Nas oficinas aplicadas, nós, estagiários, sempre fomos orientados por nossa professora, nas aulas teóricas, a fazer perguntas instigadoras para que os alunos fossem motivados a pensar, não dando as respostas prontas para eles. O intuito era o de provocar a produção de análise literária pela turma, tal como aconteceu em vários momentos das oficinas na escola. Vejamos um exemplo de um pequeno trecho de um diário de oficina:

Dando continuidade à oficina, os estagiários M.S. e I.O. passaram um trecho de uma animação de Morte e Vida Severina, para que os alunos fizessem interpretações entre o vídeo e o texto que tratava da temática bala perdida. Após o trecho ser assistido pelos alunos, Ícaro perguntou a eles o que eles tinham entendido sobre o vídeo, e se aquela parte poderia ser feita uma análise comparativa com a crônica apresentada. Muito rapidamente, alguns deles fizeram comentários que ligavam as narrativas. Fizeram também análises sobre as imagens, como por exemplo, onde ocorreu tudo aquilo, que era um local de seca, que todos tinham a mesma face, que imagem da seca remete a pobreza, que as balas estão cortando o céu por todos os lados a todo momento etc.... (trecho relatório de estágio Mores, p. 5)

Nós percebemos que os alunos, ao entrarem em contato com mais frequência com o texto literário, aprendem a gostar, a extrair os aspectos centrais do texto literário, principalmente, quando a exposição é no coletivo. Parece que eles vão se debruçando cada vez que percebem conseguir entender as entrelinhas de um texto. Nas orientações curriculares para o Ensino Médio, que tratam das competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa, evidencia-se a importância de recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008, p.145).

Nas propostas das oficinas que nós, estagiários, e professora nos propusemos a trazer aos alunos, ficou bem enfatizado que uma das principais metas era que eles tivessem uma boa leitura de um texto literário, o que propõe Rangel (2003).

Em consonância com a virada pragmática no ensino de língua materna e com as principais diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio, os princípios e critérios de avaliação do PNLEM 2004 reconhecem, como um dos objetivos principais do ensino de Língua Portuguesa, o desenvolvimento da proficiência em leitura. Assim, esses princípios e critérios procuram, grosso modo, avaliar, antes de mais nada, o material que se oferece à leitura, assim como as atividades propostas com base nele. (RANGEL, 2003, p.147).

As atividades que foram propostas para os alunos levaram-nos à forma particular de construção de sentidos do texto, como descreve Rangel (2003).

As atividades de compreensão levam o aluno a defrontar-se com a forma particular de construção de sentidos de cada texto, o que lhe permite perceber a escrita literária como forma de expressão. E não reduzem os textos a uma única interpretação. Antes assinalam as possibilidades que se abrem. (RANGEL, 2003, p.158)

No diário de oficina podemos ver esse processo pelo qual os alunos tiveram essa compreensão de sentidos:

A crônica foi sendo lida e ao mesmo tempo eram feitas pausas para perguntas instigadoras, assim era mantido um diálogo participativo com os alunos. Erika perguntou por exemplo: “como o casal vivia tão junto e ao mesmo tempo se desconheciam, como objetos em uma mesma prateleira de vidro”? Eles responderam: “Não existia diálogo entre eles”. Mores e E.V. fizeram uma leitura bem entonada, dando bastante vida ao texto, o que traz os alunos para dentro deste, prendendo a atenção, que é necessária para esse tipo de atividade, que é interpretativa.

Em toda a passagem desse estágio, nós podemos observar a liberdade com que podemos fazer um aprendizado de uma turma de alunos, pois poder proporcionar a eles esse domínio da leitura, com exercício de liberdade é prazeroso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho teve como intenção realizar uma pesquisa bibliográfica de trabalhos relativos ao ensino da crônica, explicitando alguns caminhos metodológicos para a introdução do gênero crônica no ensino de literatura de modo a influenciar no desenvolvimento crítico do aluno-leitor, diminuir o distanciamento do aluno com o texto literário, despertar o gosto pela leitura, descobrir os jogos de sentidos envolvidos no texto literário e refletir sobre os temas abordados.

Nos trabalhos descritos, pode-se observar que os alunos tiveram um bom desenvolvimento em relação à exploração de características do gênero textual no ato da leitura, adquiriram um gosto maior pela leitura de textos literários, afloraram a criticidade que existe dentro de cada um, como também chegaram a produzir texto com gênero textual abordado.

Observamos que a crônica é realmente um gênero que contribui para uma ação formativa do leitor, por ser um texto curto e, muitas vezes, mais próximo do cotidiano dos alunos. Isso nos faz refletir sobre uma leitura feita em nossos estudos com Cosson, em que ele traz “os modos de ler da leitura literária”, nos chamando a atenção o modo de leitura “contexto – leitor” que:

[...] presentifica-se na leitura que busca traçar paralelos entre a obra e o leitor ou procura identificar pontos de comunhão entre a obra e a história de vida do leitor, privilegiando conexões pessoais entre o que se está lendo e o que se viveu. Trata-se de um modo de leitura muito comum entre as crianças ou adultos quando estão em processo de aprendizagem da escrita. (COSSON,2018, p. 73)

Também cumpre com outros objetivos, trazendo debate e discussões, perfazendo assim, a função de trazer à tona o senso crítico dos alunos, a reflexão sobre os temas trazidos. Vimos o quanto é importante que os professores façam perguntas instigadoras, despertando a curiosidade em relação aos títulos e nuances das entrelinhas das crônicas.

Também foi notado o quanto é significativo o planejamento das aulas, a sequência didática a ser seguida, a liberdade de escolha dada aos alunos em relação ao texto para leitura, pois o aluno não pode ser tido simplesmente como um mero objeto para se colocar conhecimento, e sim como participante do processo de aprendizagem, juntamente com o professor. É na construção coletiva do conhecimento que a nossa crônica do cotidiano parece se fazer mais instigante e envolvente.

Referências:

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio.

_____. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. São Paulo: Ática, 1985. (Fundamentos, 1)

_____. “O direito à literatura”. Vários Escritos. SP: Duas Cidades; RJ: Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, Antonio et al. “A vida ao rés-do-chão”. In: _____. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COLOMER, Teresa. “Ler, expandir e conectar”. Tradução de Laura Sandroni. In: **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário teoria e prática**. 2. ed., 7ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. 1. Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. v. 2.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1989. vol. 5.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. “Corpo a corpo com o texto literário” in SOUZA, Marly Gondim Cavalcanti. **Diálogo entre Literatura e Outras Artes**. João Pessoa: Editora Univ. da UFPB, 2009.

RANGEL, Egon de Oliveira. “Letramento Literário e Livro Didático de Língua Portuguesa: Os amores difíceis”. In: Paiva, Aparecida, et all (org). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. 1. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2003.

RANGEL, Egon de Oliveira. “Literatura e livro didático no ensino médio: caminhos e ciladas na formação do leitor”. In: **Leituras literárias: discursos transitivos** / Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (orgs.) Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

ROSSETTI, R; VARGAS, H. **A Recriação da Realidade na Crônica Jornalística Brasileira**. UNIrevista, Leopoldo, v. 1, nº 3, p. 1-10, 2004.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

Referências consultadas:

SIMON, Luiz Carlos Santos. **Do jornal ao livro: a trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso**. Revista Temas & Matizes, Cascavel, vol. 3, n. 5, 2004. Disponível em: <[http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/554](http://e-<u>revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/554</u>)>. Acessado em: 15 de Abril de 2019.

SIMÕES, André. **A evolução da crônica como gênero nacional**. Revista Estação Literária, Londrina, Vagão-volume 4, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL4Art5.pdf>>. Acessado em: 15 de Abril de 2019.

SILVA, Rosilene Pedro. **O letramento literário com o gênero textual crônica no 9º ano do ensino fundamental**. Universidade de Pernambuco- UPE/Campus Mata Norte. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA8_ID494_6_18092018112645.pdf . Acessado em: 18 de Outubro de 2018.

RABELO, Evaneide Valente, SILVA, Suzete. **A leitura de crônicas como recurso pedagógico em sala de aula**. Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE - OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Artigos. Paraná. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_p_ort_artigo_eneida_valente_rabelo.pdf . Acessado em: 19 de Outubro de 2018.

SANTOS, Francinaldo Aprígio. **Uma proposta de leitura com o gênero crônica no ensino de língua portuguesa**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Departamento de letras do CERES – CLD. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22486/1/FrancinaldoAprigioDosSantos_DISSERT.pdf> . Acessado em: 20 de Agosto de 2019.

MORAIS, Joel Helder da Silva. **Literatura COM(TEMPO): Intervenções a partir de crônicas literárias em uma escola pública alagoana**. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Faculdade de Letras – FALE- Programa de mestrado profissional em letras – PROFLETRAS. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/2470/1/Literatura%20com%28tempo%29%3A%20intervenções%20a%20partir%20de%20crônicas%20literárias%20em%20uma%20escola%20pública%20alagoana.pdf>> . Acessado em: 26 de Janeiro de 2020.